



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS**

LUCIANA LUNA DE MENEZES LIMA

**O PROBLEMA DA INTELIGIBILIDADE ENTRE O INGLÊS PADRÃO E O
CRIOULO JAMAICANO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

LUCIANA LUNA DE MENEZES LIMA

**O PROBLEMA DA INTELIGIBILIDADE ENTRE O INGLÊS PADRÃO E O
CRIOULO JAMAICANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito para a conclusão
do curso de Licenciatura Plena em Letras,
Habilitação em Língua Inglesa, na
Universidade Estadual da Paraíba, sob a
orientação do Prof. Yeman Omar Zapata
Barbosa

CAMPINA GRANDE - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732p Lima, Luciana Luna de Menezes
O problema da inteligibilidade entre o inglês padrão e o crioulo jamaicano [manuscrito] / Luciana Luna de Menezes Lima.
- 2016.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Esp. Yeman Omar Zapata Barbosa,
Departamento de Letras e Artes".

1. Inteligibilidade. 2. Inglês padrão. 3. Crioulo jamaicano. I.
Título.

21. ed. CDD 420

LUCIANA LUNA DE MENEZES LIMA

**O PROBLEMA DA INTELIGIBILIDADE ENTRE O INGLÊS PADRÃO E O
CRIOULO JAMAICANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito para a conclusão
do curso de Licenciatura Plena em Letras,
Habilitação em Língua Inglesa, na
Universidade Estadual da Paraíba, sob a
orientação do Prof. Yeman Omar Zapata
Barbosa

Aprovada em 23 de Maio de 2016

BANCA EXAMINADORA

Yeman Omar Zapata Barbosa Nota: 80

Prof. Esp. Yeman Omar Zapata Barbosa

(Orientador)

Alessandro Nota: 80

Prof. Mestre Alessandro Giordano

(1.ª Examinadora)

Thiago Rodrigues de Almeida Almeida Nota: 80

Prof. Thiago Almeida

(2.ª Examinadora)

Média: 80

AGRADECIMENTOS

A meus pais, por todo seu apoio

A meu marido, por todo seu estímulo.

Ao meu orientador Yeman Omar Zapata por sua paciência e dedicação.

EPÍGRAFE

“No matter where we are born

We are human beings”

Jimmy Cliff

We all are one

Índice

1.Introdução.....	6
2.O inglês na atualidade.....	8
2.1. A expansão do inglês pelo mundo.....	8
2.2. Inglês padrão e dialeto.....	10
2.3. Pidgin, crioulo e patóis.....	12
3.Crioulo jamaicano.....	14
3.1. Diferenças de inteligibilidade entre o inglês padrão e o crioulo jamaicano.....	16
3.2.Biografia e trabalho poético de Linton Kwesi Johnson.....	18
3.2. Analisando o trabalho poético de Linton Kwesi Johnson.....	19
4.Conclusão.....	22
Referências bibliográficas.....	24
Anexos.....	26

Resumo

Este trabalho visa, através de uma pesquisa bibliográfica e documental, mostrar diferenças de inteligibilidade entre o inglês padrão e o crioulo jamaicano, identificar formas de inglês falados pelo mundo, conceituar variante linguística, língua padrão, dialeto e definir pidgin, crioulo e patois. Foi feita uma análise, fundamentada em Nelson e Kachru (1996), para se entender como o inglês se espalhou pelo mundo, tornando-se uma língua franca, os conceitos de pidgin e crioulo, de acordo com Nichols (1996), as condições socioculturais do crioulo jamaicano, os fatores de inteligibilidade, segundo Chambers e Trudgill (1998) e, finalmente, analisou-se um poema do poeta britânico jamaicano Linton Kwesi Johnson, baseando-se nos estudos de França Junior (2010), para podermos entender como os conhecimentos linguísticos e culturais influem na inteligibilidade entre o inglês padrão e o crioulo jamaicano.

Palavras-chave: Inglês padrão. Crioulo Jamaicano. Inteligibilidade.

1- Introdução

Em nosso mundo atual, no qual o inglês se tornou verdadeiramente uma língua franca, sendo falado por pessoas das mais diversas nacionalidades, culturas, etnias e grupos sociais, para os mais diferentes propósitos, o inglês não pode mais ser visto apenas como o inglês britânico ou americano, como usualmente o concebemos, afinal, ele é falado em países como Canadá, Austrália, Índia, África do Sul, China e Brasil. E, nestes dois últimos, é a língua estrangeira mais procurada em cursos de idiomas e adotada no currículo escolar.

Para entendermos como o inglês se tornou um idioma global, teremos que fazer uma retrospectiva histórica. No passado, a Inglaterra foi por um longo tempo a nação mais poderosa do mundo e, com a Revolução Industrial, por volta dos séculos XVIII a XIX, detinha o poderio tecnológico e industrial, o que fez com muitas pessoas de outros países desejassem aprender o inglês para estar atualizadas com o avanço industrial. Outro fator que fez o inglês se espalhar pelo mundo foi a intensa emigração de falantes nativos das Ilhas Britânicas que, por motivos de perseguição religiosa ou em busca de melhores condições de vida, partiram para os continentes que hoje conhecemos como a América ou Oceania. Por último, mas não menos importante, vale mencionar a colonização britânica de países da Ásia e África, como Índia e África do Sul, onde o inglês se tornou a segunda língua, unindo povos de diferentes dialetos, culturas, costumes e etnias.

Até o século XX, a Inglaterra continuou sendo a nação preponderante mas, com o fim da 2.^a Guerra Mundial, essa posição passou para os Estados Unidos que, através de meios como música, televisão e cinema, fez com que o resto do mundo se familiarizasse com o *American way of life*. Aos poucos, pessoas de todo o mundo foram se acostumando com o

idioma inglês, passando a ouvir músicas cantadas em inglês e usar termos em inglês como se fossem da sua própria língua.

Com a globalização e, principalmente, a Internet, estamos mais do que nunca habituados ao inglês, que é a língua do mundo digital, da tecnologia, negócios, entretenimento e ciências. Através do computador, dois falantes não-nativos podem conversar em inglês.

Hoje, quando vamos estudar inglês, seja num curso de idiomas ou como matéria escolar, costumamos pensar que vamos aprender a língua quando, na verdade, estudaremos uma variedade do inglês, segundo as palavras de McCleary(2007, p.15), que atesta que o inglês padrão é uma variedade do inglês, como o alemão padrão é uma variedade do alemão entre muitas e o italiano padrão, uma das muitas variedades do italiano, de acordo do ponto de vista do linguista. Porém, o autor ressalta que, do ponto de vista popular e político, o inglês padrão é o inglês, o alemão padrão é o alemão e o italiano padrão é o italiano.

Podemos concluir que toda língua apresenta variações e formas de uso. O que faz, então, com que uma variante seja valorizada e imposta pelo sistema educacional como a verdadeira língua e outras não? Para entender isso, temos que entender a história de cada língua e, portanto, neste artigo, nós estudaremos como o inglês se expandiu pelo mundo, observaremos quais são as variantes de inglês que existem, principalmente em países onde não é língua nativa, estudaremos conceitos como variante linguística, língua padrão, dialeto e definiremos pidgin, crioulo e “patois”, para entender como a padronização de uma língua, a existência de variantes e a ignorância acerca dessas variantes linguísticas podem levar a problemas de inteligibilidade. Para este trabalho, analisaremos as diferenças de inteligibilidade que podem surgir entre o inglês padrão e o crioulo jamaicano através da análise do trabalho do poeta Linton Kwesi Johnson.

O que motivou a escolha do tema foi o fato de que ainda predomina o ensino tradicional de inglês onde ele é uma língua estrangeira, focando-se apenas em aspectos estruturais como gramática, vocabulário e se negligenciando os aspectos sociais, históricos e culturais, o que pode reforçar preconceitos linguísticos. É necessário que os estudantes que estão aprendendo inglês como língua estrangeira saibam da existência de línguas pidgins e crioulas para que entendam que todas as línguas têm suas próprias histórias de desenvolvimento e que nenhuma variante linguística é inferior ou superior.

Escolheu-se analisar o poeta Linton Kwesi Johnson devido à relevância de sua obra e devido ao fato dele escrever seus trabalhos poéticos em crioulo jamaicano, o que permite que se compare o inglês padrão ao crioulo jamaicano, fazendo-se uma análise tanto estrutural quanto social das duas variantes em sala de aula.

O poema analisado foi *Inglan is a Bitch*, por abordar a situação do imigrante jamaicano e suas dificuldades para melhorar de vida na Inglaterra. Não foram analisados outros tipos de crioulo porque o objetivo do trabalho foi observar as diferenças entre o inglês padrão e o crioulo jamaicano.

Inglan is a Bitch pertence ao álbum *Bass Culture*, do ano de 1980.

2- O inglês na atualidade

2.1- A expansão do inglês pelo mundo

Como o inglês adquiriu o status de língua franca, sendo falado hoje mais por falantes não-nativos do que nativos? De acordo com Kachru (apud Paiva, 2005), existem hoje 300 a 400 milhões de indivíduos que usam o inglês como língua estrangeira ou segunda língua, ao passo que os falantes nativos são um número de quase 300 milhões, o que mostra que há cerca de 700 milhões de pessoas utilizando o inglês em todo o mundo. Em seus estudos, Kachru e Nelson (1996) concluem que a disseminação do inglês se deu em duas diásporas. A primeira ocorreu com a intensa migração dos habitantes das Ilhas Britânicas para a Austrália, Nova Zelândia e América do Norte e a segunda diáspora ocorreu com a colonização da Ásia e da África. No primeiro caso, os que emigraram para a América e Oceania iam em busca de novas terras iniciar novas vidas e carregaram com eles suas línguas e potenciais para mudança que toda língua possui.

No segundo caso, em que países orientais e africanos foram colonizados, as circunstâncias de implantação do inglês ocorreram de maneira diferente. A língua foi transportada para esses países por um número muito pequeno de usuários que impuseram sua cultura.

Kachru e Nelson reconhecem a existência de três círculos de usuários de inglês pelo mundo: o Círculo Interno (Inner Circle), Círculo Externo (Outer Circle) e o Círculo em Expansão (Expanding Circle). O primeiro é composto pelos países onde o inglês é falado como primeira língua, como os Estados Unidos, Canadá, Ilhas Britânicas, Austrália e Nova Zelândia; o segundo é formado pelas nações onde o inglês é a segunda língua, tendo um importante papel histórico nas áreas de educação, governo, literatura e cultura, como Índia, Nigéria e África do Sul. Já o Círculo em Expansão é constituído por países nos quais o inglês se estuda como língua estrangeira, como China, Argentina, Coreia e Brasil.

Todos esses povos possuem diferentes histórias, culturas e valores sociais, o que influencia o modo de usar uma língua. Ora, sabemos que a língua é dinâmica, acompanha a

evolução de um povo que a usa e, portanto, não podemos esperar que o inglês, sendo utilizado por tantas pessoas pertencentes a tantas culturas, seja falado uniformemente pelo mundo, pois, conforme Couto(2012, p.13):

Nesse universo do inglês, sendo usado por diferentes povos em todo o mundo, instituem-se novos conceitos, novos paradigmas, novas maneiras de lidar com as variedades de uma língua. Pensar no inglês atual é pensar nessa interação nacional, transnacional e intranacional, em que línguas e culturas se mesclam e paradoxalmente se afirmam com suas identidades singulares.

Assim, temos que admitir que há formas diversas de se usar o inglês no mundo, seja por falantes nativos, seja por não-nativos. Nos Estados Unidos, os habitantes do Sul falam um inglês muito diferente dos do Norte e, nos guetos, os afro-americanos falam um inglês que se tornou mesmo objeto de estudo por parte de sociolinguistas, o *African American Vernacular English*(AAVE). Na Inglaterra, as classes operárias falam um inglês chamado de *cockney* e os povos rurais usam dialetos que os habitantes das áreas urbanas consideram incompreensíveis. Na Austrália, os aborígenes misturam termos de suas línguas nativas com o inglês trazido pelos brancos que vieram habitar suas terras.

Devemos acrescentar que, nos países onde o inglês é a língua nativa, usam-se termos diferentes para se referir à mesma coisa, como *lift e underground* na Inglaterra e *elevator e subway*, nos Estados Unidos, que se referem, respectivamente, a elevador e metrô.

Nos países do Círculo Externo, como Índia ou África do Sul, o inglês se fundiu às línguas e costumes de povos que se viram obrigados a aprender inglês e, por serem forçados a conviver entre si, passaram a usar o inglês para se comunicar. Na Índia, por exemplo, o inglês serve como ponte de comunicação entre povos das mais diferentes etnias, que falam os mais diferentes dialetos.

Quanto aos países do Círculo em Expansão, o inglês é ensinado neles porque se entende que é a língua do progresso, dos negócios, Frequentemente, as crianças que o estudam ouvem que “saber inglês é a chave para o sucesso” e a maior parte dos professores não é falante nativo de inglês. Desta forma, ouve-se e se fala inglês nos mais diversos sotaques ao redor do mundo. Portanto, o inglês não é homogêneo, mas heterogêneo, dinâmico, adaptando-se às situações em que os falantes o usam.

Porém, ainda existe um preconceito em relação a variedades não-padrão, que lhes atribui um valor negativo por não considerar que a língua é intrínseca aos fatores que fazem parte da história de um povo, como afirma Mané(2012, p.5):”Diferenças no uso da língua e

variação de língua são devidas a padrões complexos de fatores ligados principalmente à história, geografia, etnia, cultura e sociedade.”

Para entender a existência de preconceitos linguísticos, precisaremos primeiro estudar conceitos como inglês padrão e dialeto, o que será melhor visto na seção a seguir.

2.2- Inglês padrão e dialeto

Como foi afirmado anteriormente, o que estudamos nas escolas ou cursos de idiomas não é, realmente, o inglês, mas uma variante dele, o inglês padrão (*Standard English*). De acordo com Trudgill(1974, pp. 17-18), o inglês padrão é a variante normalmente usada na imprensa e ensinada nas escolas e para os falantes não-nativos que aprendem a língua. Também é a variante falada por pessoas educadas. Sendo falada pelas pessoas educadas e pelos que têm posição de poder e influência, pode ser considerada como uma variante que se sobrepôs às demais.

Ainda segundo Trudgill(*op.cit.*,p.20), outras variantes não-padrão ou sem prestígio são comumente chamadas de “erradas”, “feias”, “corrompidas” ou “preguiçosas”. Além disso, o inglês padrão é considerado como verdadeira a língua inglesa pelos que defendem o seu ensino, o que inevitavelmente conduz à opinião de que outras variantes seriam um desvio de norma, devido à preguiça, ignorância ou falta de inteligência.

Como uma língua se torna a língua padrão, adotada nas escolas e considerada a correta? McCleary(2007, p.16)fornece a seguinte explicação:”O que determina que uma variedade, e não outra, torne-se o padrão é a importância econômica, política e cultural do local onde ela é usada. Normalmente, o processo de padronização de uma variedade ocorre quando um grupo, detentor de poder político-econômico, resolve codificar sua língua, registrando-a em gramáticas, dicionários e obras literárias. Essa variedade também é usada pelos literatos e eruditos.

É comum se dizer que a língua padrão é a “língua”, enquanto que a não-padrão é apenas um dialeto. Mas, o que é um dialeto? De acordo com Wiley (1996,p.105) o termo dialeto, em uso popular, frequentemente carrega uma conotação de subpadrão. Linguistas usualmente descrevem dialetos em termos descritivos neutros, vendo como variedades regionais ou sociais de uma língua que são mutuamente inteligíveis entre si. Crystal(1987, *apud* Wiley, 1996) admite que o termo dialeto se aplica até à variedade padrão mas Roy (1987, *apud* Wiley, 1996) alerta que variantes linguísticas coexistindo entre si, no mesmo ambiente, possuem diferentes valores sociais, principalmente se uma for usada como um meio

maior de comunicação. A variante com o maior valor social é chamada de “língua”, enquanto que a com menor valor social é chamada de “dialeto”. Tal afirmação pode ser confirmada por Da Hora(2007,p.73): “Em sentido restrito, dialeto é o mesmo que sublíngua.” Ainda segundo Trudgill (*op.cit.*):”O termo dialeto se refere, estritamente falando, a diferenças entre tipos de línguas que são diferenças de vocabulários e gramáticas assim como pronúncia.”

Conclui-se que o termo “dialeto” costuma carregar um significado negativo, devido à subcategorização linguística e sociocultural de inferioridade com relação à língua padrão. Quem fala o inglês padrão é quem fala a verdadeira língua inglesa, enquanto que o que fala o inglês não-padrão fala apenas um dialeto. Essa visão costuma repercutir no sistema educacional, como é atestado por Cheschire(2005, p.2341): Tensões sociais entre as variedades padrão e não-padrão surgem na escola porque as políticas educacionais impõem o uso da variedade padrão.”

Embora o termo dialeto ainda cause confusão entre os linguistas, pois ainda não se chegou a um consenso, neste trabalho, adotaremos a definição de Da Hora(2007), que diz que o termo dialeto pode ser definido de forma diversa, dependendo da perspectiva que queiramos abordar e que a relação entre língua e dialeto é muito estreita, pois a conjunção de fatores sociais, políticos, psicológicos e históricos contribuem para caracterizar o que seja uma língua e um dialeto. Aspectos puramente linguísticos não são suficientes para caracterizar um ou outro. E aqui a noção de poder entra em jogo. Nos países de língua inglesa, dialeto, segundo os estudos de Da Hora, é um termo que costuma sugerir fala informal ou fala rural ou ainda fala de classe social mais baixa. Como uma norma social, um dialeto é uma língua que é excluída da sociedade polida. Finalmente, distinguir língua e dialeto remete a duas distinções muito claras: uma estrutural e outra funcional. A estrutural estaria relacionada ao aspecto descritivo da língua em si; enquanto a funcional, ao aspecto descritivo de seus usos sociais na comunicação.

A imposição da variedade padrão leva a problemas no âmbito escolar, porque os professores, muitas vezes, têm que ensinar crianças que usam variedades não-padrão e, além de ignorarem a estrutura e a cultura da língua dessas crianças, os professores costumam ter uma atitude preconceituosa em relação à variedade falada por elas, o que pode levar a conflitos e insucesso escolar.

Devido ao insucesso escolar, essas crianças sofrerão para encontrar melhores condições de vida no futuro e o preconceito social atribuirá tal fato à falta de habilidade para aprender e se adequar a falar adequadamente.

Essas crianças sofrem preconceito não apenas por parte dos professores, mas também por parte dos outros estudantes, que costumam vê-las como “pouco inteligentes” e chegam a achar que “falam errado” ou que sua língua é “feia”, “imprópria”, “inadequada”. Isso cria um conflito muito grande dentro do ambiente escolar e da comunidade de onde elas vieram, pois elas podem passar a desvalorizar sua própria identidade cultural como se fosse inferior.

Entre as variedades não-padrão, existem os pidgins e os crioulos, variantes surgidas em ocasiões especiais onde havia urgente necessidade de comunicação e que serão estudados a seguir.

2.3- Pidgin, crioulo e patois

Por um longo tempo, pidgins e crioulos foram ignorados por linguistas e educadores, que os viam apenas como variantes subpadrão do que seriam as ditas verdadeiras línguas mas, após intensos estudos na área da sociolinguística, foi-se vendo que os pidgins e crioulos são, de fato, uma prova da intensa capacidade das línguas de se adequar às situações vividas pelos seres humanos e de evoluir de acordo com as condições em que os seus falantes estão inseridos, segundo Nichols,(1996).

Segundo McCleary(2007,p.21), o pidgin não é uma língua natural, pois ninguém o fala como primeira língua. Todo mundo que fala o pidgin aprende por força de circunstância, já adulto, quando tem uma outra língua materna. O pidgin é uma língua emergencial que aparece em situações extremas de barreiras à comunicação.

Nichols(*op cit.*, p.198) estudando como os pidgins se originam, afirma:

Tipicamente, pidgins surgem quando pessoas de diversos conhecimentos linguísticos se envolvem em comércio extenso ou trabalho forçado, frequentemente em áreas costeiras próximas de portos marítimos. Eles aparecem em situações de deslocamento de populações em massa.

Nessas situações, em que pessoas que falam línguas diferentes se encontram e se veem forçadas a conviver, há fatores em comum que favorecem o surgimento dos pidgins, segundo Harris(1986, *apud* Nichols 1996, p.198) aponta, que são a falta de um efetivo bilinguismo, a necessidade de comunicação e áreas restritas à língua-alvo.

O surgimento de pidgins foi observado mais predominantemente com o comércio de negros trazidos para trabalhar como escravos. Como pertenciam a diferentes tribos, eles pertenciam a etnias diversas e falavam línguas diferentes e precisavam se comunicar não

apenas entre eles mas também com os marinheiros, mercadores e com os seus senhores. Isso favoreceu a criação de uma língua criada especialmente para que eles não ficassem incomunicáveis.

Levados a terras estranhas, esses escravos não tinham condições de falar suas línguas nativas e o pidgin se tornou sua única alternativa de transmitir o que pensavam e sentiam. Com o tempo, os seus descendentes foram usando o pidgin criado por seus pais como primeira língua, conforme atestado por Nichols(1996,p.199), que diz que um crioulo pode se desenvolver de um pidgin se certas condições sociais aparecerem. Quando escravos, serviçais ou colegas de comércio começam suas próprias famílias onde sua primeira língua não é falada, um pidgin que eles sabem pode se tornar a língua que eles usam em casa, transmitindo a seus descendentes. Portanto, o pidgin se desenvolve em uma língua crioula, expandindo sua gramática, vocabulário e uma gama de funções adequadas a uma língua nativa.

Vê-se que o crioulo é mais complexo do que o pidgin, passando a fazer parte da identidade social e cultural dos que o usam, como comprovado por Da Hora(2007, p.82), que conclui que um pidgin torna-se um crioulo quando ele for adquirido como língua materna de uma nova geração. Nessas circunstâncias, os pidgins rapidamente desenvolvem um maior número de fonemas, um vocabulário mais amplo, sintaxe mais complexa e uma grande variedade de opções estilísticas, permitindo ao usuário opções de escolha, dependendo da situação.

Da Hora(2007) reconhece dois grandes grupos de línguas crioulas, as do Atlântico e as do Pacífico. As primeiras se formaram nos séculos XVII e XVIII, no Caribe e África Ocidental e as últimas, no século XIX, tendo substratos linguísticos diversos dos que deram origem aos crioulos do Atlântico e em circunstâncias diferentes.

Os crioulos convivem com as variedades padrão, segundo Westphal (2003,p.1):”Línguas crioulas funcionam como o vernáculo da massa, usado em comunicação informal, enquanto áreas formais, como de fala pública, educação e mídia, são tradicionalmente dominadas pela variedade padrão de inglês, francês e holandês.”

Essa convivência costuma ser cheia de conflitos, segundo observa Nichols(1996,pp196-197), ao ver que os professores e administradores das escolas não possuem conhecimento suficiente sobre pidgins e crioulos e que as consequências dessa ignorância podem ser danosa para as crianças que falam essas variantes. Os professores se veem diante de dois grandes desafios ao se deparar com pidgins e crioulos, que são o fato dessas variantes serem tipicamente faladas e não escritas e por costumarem ser vistas com

desdém tanto por seus usuários como pela sociedade, em parte por não possuírem um corpo respeitado de escrita literária.

Para este trabalho, limitamo-nos ao crioulo jamaicano, por ser nosso objetivo observar as diferenças entre o inglês padrão e o crioulo jamaicano.

Nichols chama a atenção para a necessidade de professores e todos os envolvidos com a política educacional entenderem os pidgins e crioulos como as variantes linguísticas únicas que são, com regras sistemáticas de estrutura e uso e que educadores e líderes comunitários poderiam desenvolver uma forma de incorporá-las no âmbito escolar valorizando tanto as línguas quanto seus usuários. Isso alerta para a necessidade de professores admitirem a existência de variedades não-padrão e reconhecer que não são menos corretas do que a que se costuma ensinar nas escolas.

Além dos pidgins e dos crioulos, Da Hora(2007) fala de um terceiro termo, que é usado para se aplicar principalmente à língua falada, o “patois”, o qual é de origem francesa. Os “patois” eram originalmente dialetos franceses que passaram a ser assim chamados após deixarem de ser escritos. Basicamente, é uma norma linguística não usada com propósitos literários cujo uso é limitado a situações informais. Pela distinção língua-dialeto, o “patois” seria um dialeto que serve a uma população em suas funções de menos prestígio. Tal termo nunca foi usado em inglês, onde dialeto passou a significar fala informal, regional ou de classe social mais baixa.

Entre os crioulos falados no Caribe, existe o crioulo Jamaicano, cuja história e questões de inteligibilidade em relação ao inglês padrão serão estudados na próxima seção neste artigo.

3- Crioulo jamaicano

O crioulo do Caribe, de acordo com Nero(2000, *apud* Holder, 2003, pp.4-5) é um dialeto formado por uma combinação da fonologia, morfologia e sintaxe da África Ocidental e outras línguas étnicas com a maior contribuição vindo do vocabulário do inglês britânico. O crioulo jamaicano é uma das variantes do crioulo falado no Caribe.

Em sua análise(2007,pp.1-2), Patrick diz que o Crioulo da Jamaica é uma língua de identificação étnica primeiramente falada na Jamaica, mas também por um extenso número de imigrantes jamaicanos nas áreas urbanas da Inglaterra e da América do Norte. Esse crioulo é um produto do colonialismo britânico e da economia escravista de *plantation*. Mais de 90% da população da Jamaica é de origem africana, mas outros grupos dizem possuir

ancestralidade indiana, chinesa, síria e europeia. Os falantes nativos do inglês padrão sempre foram uma minoria da população jamaicana, mas têm largo controle da política e cultura oficial da ilha.

Naturalmente, o inglês falado e escrito por essa minoria é o que acaba sendo adotado pelo sistema educacional e as crianças e jovens que entram na escola são postos em contato com o inglês padrão, gerando um fato chamado por Spolsky(1998,p.62) de “post-creole continuum”, que, segundo ele, acontece quando os falantes de um pidgin ou crioulo são apresentados, geralmente pela educação, à língua padrão de onde se originou o pidgin ou crioulo. Nesse processo, os vários níveis de variação social e estilística podem ser preenchidos por uma versão ou da língua padrão para um fim mais elevado ou do pidgin ou crioulo para o fim menos elevado. Um jamaicano pode, em várias situações sociais, escolher o crioulo, um dos níveis intermediário ou o inglês jamaicano padrão ou então optar por alternar os códigos.

A coexistência dessas duas variantes na ilha da Jamaica corresponde ao que Spolsky(op.cit., p.63) reconhece como diglossia, no qual duas variedades linguísticas da mesma língua são usadas com funções diferentes. E essa convivência não foi sempre pacífica, além de levar a confusões no tocante a classificar as variantes usadas nesta ilha caribenha, conforme é atestado por Chambers e Trudgill (1998, p.8), que dizem que, através dos séculos, a língua internacional e de prestígio das camadas sociais superiores exerceu uma grande influência sobre o crioulo jamaicano, que foi reconhecido como similar ao inglês e também erroneamente considerado inferior por causa da condição social dos seus falantes. Porém, duas coisas aconteceram que levaram a mais confusões na classificação das variantes faladas na Jamaica. A primeira foi que o crioulo ‘mais profundo’ tornou-se agora mais próximo do que antes do inglês e, segundo, o vácuo outrora existente entre o inglês e o crioulo jamaicano foi preenchido e resultou no seguinte fato: enquanto as classes altas falam o que pode ser claramente definido como inglês, as classes baixas falam o que não é claramente inglês e os que se encontram entre as classes baixas e as altas falam o que pode ser reconhecido como algo entre o inglês e o crioulo ‘mais profundo’.

Em seus estudos, Allsop(2010, p.17), fala que existem três níveis diferentes de língua crioula: o nível basilectal, o mesolectal e o acrolectal. O basilectal seria o crioulo mais puro e, portanto, o mais distante da variante padrão. O mesolectal seria intermediário entre o basilectal e a variante final, o acrolectal, o qual é o mais próximo da variante padrão. O crioulo jamaicano estaria no nível basilectal, enquanto o inglês padrão jamaicano estaria no nível acrolectal, sendo inteligível para falantes de muitas outras variantes da língua inglesa.

Quais seriam as funções do crioulo jamaicano e do inglês padrão na Jamaica? Ao tentar explicar para o que funciona uma variante crioulo, Westphal(2003,p.1) dá a seguinte explicação: “Línguas crioulas funcionam como meio vernacular de comunicação informal enquanto domínios formais de fala pública, educação e mídia são tradicionalmente dominados pelo inglês, francês e holandês padrão.”

Então, a princípio, o crioulo jamaicano não possui prestígio social mas,segundo Allsop(2010), tem havido uma significativa mudança no sistema educacional da Jamaica em relação ao uso do crioulo jamaicano. Se antes crianças que falavam o crioulo eram discriminadas, dos anos 60 para os tempos atuais, ao mesmo tempo em que o crioulo falado na Jamaica tem adquirido mais valor social e se imposto na mídia e trabalhos artísticos e literários, elas têm sido mesmo estimuladas a se comunicar em sua própria língua e trabalhos literários escritos em crioulo jamaicano têm feito com que os seus falantes tenham estabelecido sua identidade linguística e cultural e as características linguísticas e culturais em que são produzidos chamem a atenção dos estudiosos em várias partes do mundo, como será mais atentamente analisado na seção seguinte.

3.1- Diferenças de inteligibilidade entre o inglês padrão e o crioulo jamaicano

Como foi afirmado neste artigo, um dos problemas que surgem quando duas variantes linguísticas como o inglês padrão e uma língua crioula se encontram é o da inteligibilidade, como afirma Allsop(2010, p.2): “Línguas crioulas inglesas são derivadas do inglês e compartilham grande parte do seu vocabulário com o inglês.

É difícil definir claramente o que seja inteligibilidade, visto que envolve muitos fatores a ser considerados que levam a problemas para conceituá-lo com segurança, segundo Chambers e Trudgill (1998,p.4):” O principal problema é que é um critério que admite graus de mais ou menos.”

Analisando essas palavras, podemos concluir que se admite que há variantes que podem ser consideradas mais ou menos inteligíveis entre si e, ainda de acordo com Chambers e Trudgill (*op.cit.*, p.4), a inteligibilidade mútua também depende, aparentemente, de outros fatores como o grau de exposição dos ouvintes à outra língua, seu nível de educação e, o que é bastante interessante, seu desejo de compreender.

Para este trabalho, usaremos como conceito de inteligibilidade a conceituação tripartida de Smith and Nelson (1985, *apud* Pickering, 2007, p.1), em que se define inteligibilidade como a **habilidade** do ouvinte para reconhecer palavras individuais ou

expressões; **compreensibilidade**, como a habilidade para entender o significado da palavra ou expressão dentro de um contexto e **interpretabilidade**, como a habilidade do ouvinte em entender as intenções do falante atrás da palavra ou expressão.

Essa falta de inteligibilidade é perceptível principalmente em salas de aula nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde é grande o número de imigrantes jamaicanos, cujos filhos vão estudar em escolas onde se estabelece o ensino do inglês padrão. A falta de inteligibilidade leva a problemas no aprendizado e na comunicação entre professores e crianças falantes da variante crioula principalmente devido a fatores enumerados por Bryan(2011, p.1), que analisa que as falhas de comunicação se devem a falta de conhecimento a como as duas línguas são usadas para promover o aprendizado; à prática inadequada de comunicação oral no inglês, com oportunidades de estruturação e reestruturação e a falta de compreensão dos professores acerca das regras dos crioulos, além de seu pouco conhecimento do nível de linguagem dos alunos.

Muitos, tentando facilitar a vida dos estudantes falantes de crioulo, têm trazido trabalhos literários escritos nessa variante à sala de aula e é nessas ocasiões que se deve levar em conta a inteligibilidade, segundo Holbrook(2012, p.7), que afirma que: “Provavelmente o fator mais importante a considerar ao se adaptar ou compartilhar material escrito é o grau de inteligibilidade entre as línguas”.

E também é necessário que todos reconheçam que o crioulo têm tanta complexidade e valor quanto qualquer outra língua, seja ela padrão ou não-padrão para que seja possível uma compreensão de qualquer trabalho literário produzido em língua crioula, conforme Allsop(2010, p.24): “Quando as pessoas entenderem a complexidade gramatical e os parâmetros que regem as línguas crioulas, elas entenderão mais claramente a legitimidade das línguas.”Portanto, vemos que é necessário se desfazer de preconceitos linguísticos para podermos estudar um trabalho literário em sua complexidade histórica e sociocultural.

No caso dos trabalhos escritos pelo poeta jamaicano Linton Kwesi Johnson, cuja variante usada é o crioulo jamaicano, será altamente necessário considerar em que medida o inglês padrão e o crioulo são mutuamente inteligíveis para que se possa analisar e fazer uma interpretação acerca do aspecto linguístico, social e cultural da sua obra literária, como se analisará a seguir.

3.2- Biografia e trabalho poético de Linton Kwesi Johnson

De acordo com os estudos de França Junior(2011), Linton Kwesi Johnson, também conhecido como LKJ, nasceu em 24 de agosto de 1952 em Chapelton, uma localidade de Clarendon, na Jamaica, tendo vivido seus primeiros anos com seus pais, em Kingston e depois com sua avó, no campo. Com a idade de onze anos, ele emigrou para a Inglaterra, para se unir a sua mãe, que havia emigrado antes em busca de melhores condições de vida, para viver em Brixton, no Sul de Londres. Ele estudou no Tulse Hill High School e no Goldsmith College e na Universidade de Londres, onde se graduou em Sociologia, em 1973.

Enquanto ainda estudante, ele começou a se interessar por poesia e aderiu ao movimento Black Panther Youth League, grupo militante negro e nacionalista inspirado pelo movimento norte-americano Black Power dos anos 60. Durante o tempo em que esteve engajado neste grupo, Johnson ajudou a organizar cursos de poesia em associação com o Rasta Love, um grupo de bateristas e poetas com os quais produziu alguns dos poemas liberados em seus primeiro álbum, *Dread Beat an' Blood* (1978).

Os seus poemas foram primeiro publicados no jornal *Race Today*. Seus álbuns mais conhecidos são *Dread Beat an' Blood*, *Forces of Victory*, *Bass Culture* e *Making History*. Seu trabalho, aliado à tradição jamaicana “*toasting*”, é considerado um precursor do rap. Seus poemas mais comemorados foram escritos durante o governo de Margaret Thatcher, a Dama de Ferro, marcado por uma política alegadamente brutal e racista, onde era comum as minorias sofrerem ataques por parte da polícia. Nesta época, suas poesias tinham um tom de protesto. *Inglan is a Bitch*, do álbum *Bass Culture*, de 1980, é dessa época.

Em 2004, tornou-se professor visitante honorário da Universidade de Middlesex em Londres e, em 2005, recebeu a medalha de prata de Musgrave do Instituto da Jamaica pela eminência do conjunto de sua obra poética.

Seus poemas sempre têm feito uso do crioulo jamaicano em conjunto com o estilo da poesia de *Dub*¹, e que normalmente recita seus versos sobre música *dub*, dentro de um contexto influenciado por atividade política e engajamento social. Aliás, a maior parte de sua poesia é politicamente orientada, tendo como tema a situação do imigrante jamaicano vivendo na Inglaterra.

E o poema que será analisado na próxima seção está escrito justamente nesta temática.

¹ Dub é basicamente o reggae instrumental com o som de efeitos misturados

3.3- Analisando o trabalho poético de Linton Kwesi Johnson

Para se entender a poesia de Linton Kwesi Johnson, é necessário ter algum conhecimento do contexto sociocultural em que ele escreve sua obra poética, que pode ser definida como “poesia de dub”, a qual, de acordo com França Junior(2010, pp.5-6), é o resultado de um movimento poético surgido durante os anos 1970, relacionado com os estudantes da Escola Jamaicana de Arte Dramática. A poesia de dub foi um novo estilo que refletia o renascimento da oralidade do som poético caribenho, comumente referido a um tipo de recital poético ou performance artística que mesclava(normalmente politicamente orientado) rimas com base instrumental ou música reggae. Esse gênero poético afirma a existência de uma cultura insurgente através da performance de uma voz migratória, a voz do povo jamaicano vivendo na Inglaterra, uma voz vinda da margem para o centro, fazendo-se social, cultural e historicamente visível em um mundo moderno hostil e excludente.

Segundo França Junior (*op.cit.*, p.7): a escrita de Johnson, às vezes, é ambígua e apresenta aspectos da tradição oral jamaicana, direitos civis, lutas das minorias e inspiração rítmica da música “reggae”. Exatamente por isso é que seu trabalho é tradicionalmente chamado de “poesia de dub”.

Neste trabalho, observaremos uma poesia de Johnson, retirada do estudo de França Junior (*op.cit.*,p.13), e a analisaremos para concluir em que medida ela é inteligível, especialmente quando comparada ao inglês padrão.

“Inglan is a Bitch”

O próprio título do poema expressa revolta porque o termo “*bitch*” que originalmente significa cadela, hoje só é usado como insulto. Então, o eu-lírico do poema está insultando a Inglaterra, pois está revoltado.

Wen mi jus come to Landan toun

Mi use to work pan di andahgroun

But workin pan di andahgroun

Yu dout get fi know your way around.

Aqui, a pessoa, que podemos entender como um imigrante de origem jamaicana, já que Johnson costuma usar a situação dos imigrantes de origem jamaicana na sua poética, diz que, assim que se mudou para Londres, foi trabalhar na estação de metrô, mas não sabe seu caminho ao redor. Como vemos, ele se sente desorientado.

*Inglan is a bitch
Deres no escapin it
Inglan is a bitch
Deres no runnin whey from it*

Novamente, ele xinga a Inglaterra e sente que está numa situação da qual não consegue escapar, não há para onde correr.

*Well mi dhu day wok an mi dhu nit wok
Mi dhu clean wok an mi dhu dutty wok
Dem she dat black man is very lazy
But if yu si how mi wok yu sey mi crazy*

Nesta estrofe, o imigrante diz que trabalha de dia e de noite e que faz tanto trabalho limpo quanto trabalho sujo e que costuma sofrer discriminação por ser negro. Dizem que o negro é preguiçoso, mas que mudariam de opinião ao verem em que condições ele trabalha.

*Dem a have a lickle facktri up inna Bracly
Inna disya factri all dem dhu is pack crackry
Fi di laas fifteen years dem get mi laybah
Now awftah fifteen years mi fall out a fayvah*

Aqui, o imigrante, após quinze anos de trabalho duro, não vê melhorias de vida, e, portanto, não tem esperanças de mudanças e vê que suas ilusões de quando se mudou para Londres eram vãs.

*Mi know have work, work in abundant
Yet still, dem mek mi redundant
Now, at fifty-five mi getting quite ol*

Yet still, dem sen mi fi goh drow dole

Nestes versos, o imigrante constata que há muito trabalho, mas que ele, com cinquenta e cinco anos, está muito velho para fazer trabalho duro.

Como vemos, o poema se refere à situação do imigrante jamaicano em geral e deve ser analisado dentro de um determinado contexto, considerando a época, e o local, devido à época em que foi escrito, em 1980, na era Thatcher, durante a qual os imigrantes sofriam violentas repressões.

Escrito em crioulo, o poema é um retrato da postura de Linton Kwesi Johnson, que optou por escrever numa forma diversa do inglês padrão para defender a cultura e a língua do seu povo, como afirma França Junior (2011), que observou que o poeta fecha um olho para os padrões formais ditados pela gramática inglesa e faz uma carnavalização escrita com a oralidade das gírias crioulas, observando que ele gosta da ideia de subverter a língua inglesa e dar voz a uma minoria que geralmente é excluída pela sociedade inglesa.

O poema é inteligível, visto que está escrito numa variante linguística próxima do inglês padrão, o que nos permite identificar algumas palavras sem dificuldade, como “wen”, “Landan”, “taun”, “workin”, “dere’s” e outras, podendo convertê-las às suas versões no inglês padrão “when”, “London”, “town”, “working” e “there’s”, o que pode ser um recurso para ajudar na compreensão da mensagem e do contexto social do poeta, que também usa recursos como gírias próprias da língua crioula e música de dub.

Vemos que ele fala de alguém, provavelmente um imigrante jamaicano que está insatisfeito com sua situação, sua vida na cidade de Londres, pois esperava uma vida melhor, mas está preso num trabalho que não permite melhorias na sua vida nem vê como escapar dessa realidade brutal na qual mergulhou.

Todo o poema tem uma voz de revolta, pois fala das condições miseráveis de vida do imigrante jamaicano que não consegue um trabalho decente e se sente discriminado na cidade de Londres, para onde imigrara com a ilusão de que conseguiria vida melhor para si e sua família. Porém, ao chegar à cidade, tudo o que consegue são trabalhos mal remunerados que mal lhe garantem a sobrevivência e que são desvalorizados pelos moradores de Londres. Se analisarmos em profundidade, não é apenas a um imigrante jamaicano, mas aos imigrantes em geral, a quem os ingleses veem como intrusos e pessoas de cultura inferior, destinando-lhes empregos que não lhes permitirão melhorar de vida. Com sua poesia, Johnson se solidariza com seu povo., pois, como diz França Junior (2011), ele fala pelos que eram excluídos pelo Império Britânico e queriam redefinir seu lugar nesta sociedade.

A poesia de Linton Kwesi Johnson dá voz aos imigrantes jamaicanos vivendo em Londres e, ao optar por se expressar no crioulo jamaicano, ele valoriza a língua da sua gente, do lugar de onde veio e quer que o resto do mundo conheça a cultura dos jamaicanos e como eles se expressam e se sentem em relação a um mundo que, frequentemente, os marginaliza.

Ao estudar trabalhos escritos numa variante diversa do inglês padrão, é necessário mais do que tentar se familiarizar com a, o vocabulário e a estrutura gramatical desta variante para entendê-la, é preciso entender que a língua de um povo nunca pode ser dissociada da cultura, história e dos valores deste.

4- Conclusão

Tudo o que foi estudado no presente trabalho faz-nos entender que é necessário, em um mundo globalizado como o da atualidade, ter um mínimo de conhecimento acerca das diversas maneiras de se comunicar em uma sociedade onde o inglês se tornou uma língua franca, através da qual povos de diferentes culturas e realidades se põem em contato, trocando informações.

Pudemos ver que o inglês, sendo uma língua falada por nativos e não-nativos, adapta-se à realidade dos seus falantes e que, em cada grupo que é usada, possui características linguísticas, semânticas e culturais que a tornam única, própria do grupo que a usa.

É necessário, portanto, que estejamos prontos a reconhecer que há variantes diversas do inglês padrão, como os crioulos e, entre eles, o jamaicano que, por muito tempo, foram ignoradas e consideradas inferiores mas que são, realmente, uma prova da flexibilidade da língua, que muda e se adapta às condições sociais e geográficas dos seus falantes.

Ao comparar o inglês padrão não apenas com o crioulo jamaicano mas com outros crioulos e analisando como o critério de inteligibilidade pode nos ajudar a compreender essas variantes não-padrão, nós aprendemos que estudar uma língua deve ir muito além de estudar sua fonologia, gramática, vocabulário e estrutura. Precisamos considerar sempre a história e cultura do seu povo.

Podemos dizer que os objetivos foram alcançados, porque, através da análise do que significa dialeto, da formação de línguas pidgins e crioulas, das diferenças de inteligibilidade entre inglês padrão e crioulo jamaicano e da análise do poema de Linton Kwesi Johnson, pudemos ver que o ensino do inglês deve sempre ir muito além do mero aspecto estrutural e considerar a cultura e a história dos seus falantes.

Este trabalho será importante porque servirá de fonte de estudo acerca de como os professores devem trabalhar a questão da inteligibilidade ao ensinar inglês em sala de aula, principalmente quando ensinarem alunos que falam variedades não-padrão, porque mostra a importância de se considerar o fato de que língua e cultura sempre estão ligadas.

Abstract

This work aims, through a documental and bibliographical research, to show intelligibility's differences between Standard English and Jamaican Creole, to identify ways of spoken English spoken throughout the world, give a conception of linguistic variant, standard language, dialect and to define pidgin, creole and patois. It was made an analysis based in Nelson and Kachru(1996) in order to understand how the English has spread throughout the world, becoming a lingua franca, the conceptions of pidgin and creole, according to Nichols (1996), the sociocultural conditions of Jamaican Creole, the intelligibility's factors, according to Chambers and Trudgill (1998) and, at last, it was analyzed a poem of Jamaican British poet Linton Kwesi Johnson, supporting in the studies of França Junior (2010), to make us understand how linguistic and cultural knowledges have influence in intelligibility between Standard English and Jamaican Creole.

Key-words: Standard English. Jamaican Creole. Intelligibility.

Referências bibliográficas

ALSSOP, Sarah A. **Assisting Creole-English and non-standard dialect speaking students in learning Standard English**. University of Wisconsin, 2010. Disponível em minds.wisconsin.edu/bitstream/handle. Acessado em 11 de junho de 2014.

BRYAN, Beverly. **Collaboration or Collision: A tale of two languages – Jamaican Creole and Jamaican Standard English**. U.S. Agency for International Development. University of the West Indies, 2011. Disponível em myspot.mona.uwi.edu. Acessado em 19 de junho de 2014.

CHESHIRE, Jenny. **Sociolinguistics and mother-tongue education**. 2nd edition, Berlin: Moutn de Gruyter, 2005. Disponível em webpace.qmul.ac.uk. Acessado em 11 de junho de 2014.

COUTO, Lêda Regina de Jesus. **O livro didático de lingual inglesa sob a perspectiva do World Englishes**. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus I – Programa de pós-graduação em estudo de linguagens, 2012. Disponível em www.ppgel.uneb.br. Acessado em 13 de junho de 2014.

DA HORA, Dermeval. **Sociolinguística**. 2007. Disponível em portal.virtual.ufpb.br. Acessado em 11 de junho de 2014.

HOLLBROOK, David Joseph. **The Classification of the English-Lexifier Creole Languages**. SIL International, Digital Resources, 2012. Disponível em www.sil.org. Acessado em 13 de junho de 2014.

JUNIOR, J.L. França. **The arts of resistance in the poetry of Linton Kwesi Johnson**. 2011. Disponível em www.ufsj.edu.br. Acessado em 11 de junho de 2014.

KACHRU, Braj B. and Cecil L.Nelson. **World Englishes**. In: MCKAY, Sandra Lee;; HORNBERGER, Nancy H.(eds). *Sociolinguistics and language teaching*. Cambridge: CUP, 1996. Pp. 71-102.

MANÉ, Djiby. **As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico**. Via Litterae. Revista de Linguística e Teoria Literária. Universidade Estadual de Goiás, 2012. Disponível em www2.unucseh.ueg.br. Acessado em 13 de junho de 2014.

McCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. UFSC. 2007. www.gpesd.com.br Acessado em 11 de junho de 2014.

NICHOLS, Patricia C. **Pidgins and Creoles**. In: MCKAY, Sandra Lee; HORNBERGER, Nancy H. (eds.). *Sociolinguistics and language teaching*. Cambridge: CUP, 1996, pp. 3-46.

NÝVLT, Zaneek. **Jamaican Creole: Its Continuity in the United Kingdom**. Masaryk University. Faculty of Arts. Department of English and American Studies, 2012. Disponível em is.muni.cz. Acessado em 13 de junho de 2014.

PATRICK, Peter. L., **JC Jamaican Patwa (Creole English)**. University of Essex, 2007. Disponível em privatewww.essex.ac.uk. Acessado em 14 de junho de 2014.

PICKERING, Lucy. **Current Research on intelligibility in English as a lingua franca**, 2005. Disponível em www2.gsu.edu. Acessado em 16 de junho de 2014.

SPOLSKY, Bernard. **Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press. New York, 2007.

TRUDGILL, Peter and J.K. Chambers. **Dialectology**. 2nd edition, Cambridge University Press, 1998. Disponível em assets.cambridge.org. Acessado em 14 de junho de 2014.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: An Introduction**. Middlesex, Penguin Books. Great Britain, 1975.

WESTPHAL, Michael. **A History of Jamaican Creole in the Jamaican Broadcasting Media**. 2007. Disponível em www.guel.de. Acessado em 11 de junho de 2014.

ANEXOS

*Wen mi jus come to Landan toun
 Mi use to work pan di andahgroun
 But workin pan di andahgroun
 Yu dout get fi know your way around*

*Inglan is a bitch
 Deres no escapin it
 Inglan is a bitch
 Deres no runnin whey from it*

*Mi get a lickle jab in a bih otell
 An awftah a while, mi woz doin quite well
 Dem staat mi aaf as a dish-washah
 But wen mi tek a stack, mi noh tun
 clack-watchah*

*Inglan is a bitch
 Deres no escapin it
 Inglan is a bitch
 No baddah try fi hide fram it*

*Wen dem gi you di lickle wage packit
 Fus dem rab it wid dem big tax rackit
 Yu haffi struggle fi mek ens meet
 An wen yu goh a yu bed yu ju cant sleep*

*Inglan is a bitch
 Deres no escapin it*

Inglan is a bitch

A noh lie mi a tell, a true

Mi use to work dig ditch wen it cowl noh bitch

Mi did Strong like a mule, but bwoy, mi did fool

Den awftah a while mi jus stop dhu ovahtime

Den awftah a while mi jus phu dung mi tool

Inglan is a bitch

Deres no escapin it

Inglan is a bitch

Yu haffi know how fi survive in it

Well mi dhu day wok an mi dhu nite wok

Mi dhu clean wok an mi dhu dutty wok

Dem seh dat black man is very lazy

But if yu si how mi wok yu would sey

mi crazy

Inglan is a bitch

Deres no escapin it

Inglan is a bitch

Yu bettah face up to it

Dem a have a lickle factri up inna Brackly

Inna disya facktri all dem dhu is pack crackry

Fi di laas fifteen year dem get mi laybah

Now awftaw fiteen years mi fall out a fayvah

Inglan is a bitch

Deres no escapin it

Inglan is a bitch

Deres no runnin whey fram it

Mi know dem have work, work in abundant

Yet still, dem mek mi redundant

Now, at fifty-five mi getting quite ol

Yet still, dem sem mi fi goh drow dole

Inglan is a bitch

Deres no escapin it

Inglan is a bitch

Is whey wi a goh dhu bout it?